

SUBJETIVIDADE E ORDEM DE PALAVRAS: A ORDEM VERBO-SUJEITO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO GALEGO

SUBJECTIVITY AND WORD ORDER: VERB-SUBJECT ORDER IN BRAZILIAN PORTUGUESE AND GALICIAN

Jussara Abraçado
Universidade Federal Fluminense

RESUMO

Neste trabalho, apresentamos os primeiros resultados de pesquisa em desenvolvimento sobre a ordem verbo-sujeito no português brasileiro e no galego, em que buscamos aferir seu emprego na veiculação de enunciados subjetivados. Analisamos as ocorrências da ordem verbo-sujeito na fala de 12 informantes da *Amostra Censo* (Projeto Censo da Variação Linguística no Rio de Janeiro, PEUL/UFRJ) e de 13 informantes do *corpus A Nosa Fala* (Arquivo Sonoro de Galícia, USC) e, com os resultados que obtidos, podemos constatar, estatisticamente, em relação ao português brasileiro - mas não em relação ao galego - que, além das funções já apontadas em pesquisas anteriores, a ordem verbo-sujeito desempenha no português brasileiro também a função de veicular enunciados subjetivado.

Palavras-chave: galego; ordem VS; português brasileiro; subjetividade.

ABSTRACT

In this paper, we present the first results of ongoing research on subject-verb order in Brazilian Portuguese and Galician. This study investigates the use of verb-subject order in the placement of statements subjectified. We have analysed the occurrence of VS in the speech of 12 Brazilian informants (Projeto Censo da Variação Linguística no Rio de Janeiro, PEUL/UFRJ) and in the speech of 13 Galician informants (*corpus A Nosa Fala*: Arquivo Sonoro de Galícia, USC). The results statistically indicate, in relation to Brazilian Portuguese - but not for the Galician - that, beyond the functions already mentioned in previous research, the verb-subject order in Brazilian Portuguese also plays the role of conveying subjective statements.

Keywords: brazilian portuguese; galician; subjectivity; verb-subject order.

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de pesquisa em desenvolvimento no âmbito do projeto intitulado *Variação e mudança no sistema linguístico histórico galego-português: primeiros encontros para uma comparação entre o galego e o português popular brasileiro*, apoiado pela CAPES e desenvolvido por pesquisadores da Universidade Federal Fluminense (UFF), da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade de Santiago de Compostela (USC), cujo objetivo principal é o de promover investigação de traços ou características das falas galegas e brasileiras. Assim sendo, começamos por justificar o porquê de estudarmos o galego e o português brasileiro, para depois, então, focalizamos a ordem verbo-sujeito (VS) que investigamos com o propósito de aferir seu emprego na veiculação de enunciados subjetivados no português brasileiro (PB) e no galego contemporâneos.

1. Por que estudar o Galego e português brasileiro?

Considerando-se a origem comum das variedades linguísticas em comparação, é proposta dos pesquisadores envolvidos no projeto *Variação e mudança no sistema linguístico histórico galego-português: primeiros encontros para uma comparação entre o galego e o português popular brasileiro* investigar os fenômenos linguísticos e pragmático-discursivos observados na Galiza e no Brasil, buscando: (1) ampliar o escopo comparativo até agora utilizado na explicação dos traços próprios do PB, e (2) compreender melhor os fenômenos até então considerados característicos do galego.

Adicionalmente, busca-se, no âmbito desse projeto maior, resgatar a importância do galego na história do português, uma vez que, sob o rótulo de “português arcaico” muitas das vezes é omitida a origem comum do galego e do português.

Bagno (2011, p. 34), discorrendo sobre a procedência do português, levanta a questão de ser o latim a origem do português.

A esse respeito vale a pena citar as palavras de Esperança Carneira, autora portuguesa de um livro sobre a história da sua língua:

À entrada do ano mil, no Noroeste peninsular, a Galécia Magna, uma região que se estendia da Galiza a Aveiro abarcando, ainda, uma faixa das Astúrias, delimitava já um

romance com contornos peculiares. [...] Não é ainda Portugal, não é ainda língua portuguesa. [...] Antes de Portugal, antes do Português, no limiar do século X, já estava constituído um romance [...] (2006: 36-37).

Se “não é ainda Portugal, não é ainda língua portuguesa” e se a própria autora diz que esse romance era falado em toda a Galécia Magna, que outro nome se poderia dar a essa língua que não seja galego? Por que chamar de galego português uma língua que surgiu “antes de Portugal, antes do Português”?

A resposta, segundo Bagno (2011), está no desejo de, no período renascentista, aproximar do latim a recém-normatizada “língua portuguesa”, buscando

conferir estatuto de beleza, riqueza, elegância e funcionalidade para a língua que a partir de então seria um dos muitos instrumentos do imperialismo português. Afinal, era preciso que um povo conquistador como o português também tivesse, como o povo romano conquistador, uma língua digna de se tornar elemento de unificação de um império que estava para ser criado (p. 35).

Todavia, como observa o autor,

No mesmo gesto, se cumpriu também uma outra tarefa, desta vez não explicitada, oculta, dissimulada: apagar a verdadeira origem do português, sua real genealogia, que é a de ser uma língua derivada, não do latim clássico, nem sequer do latim vulgar, mas sim uma língua derivada do galego (p. 35).

A pesquisa que desenvolvemos tem como objeto a ordem de palavras. Neste artigo, apresentamos os primeiros resultados relativos ao emprego da ordem VS na veiculação de enunciados subjetivados. Os dados que

analisamos foram extraídos de *corpora* constituídos de narrativas orais do século XX. Entretanto, em etapas posteriores, *corpora* referentes a sincronias anteriores também serão analisados em busca de mais subsídios que nos auxiliem na explicação do fenômeno em investigação e na descrição das variedades estudadas.

2. A ordem VS no PB e no galego

A pesquisa sobre a ordem VS no PB e no galego, em princípio, baseia-se nos seguintes pressupostos:

- a. A subjetividade refere-se a meios existentes nas línguas naturais que permitem a seus usuários a expressão de si mesmos, de suas atitudes e crenças .
- b. Por diferir da ordem neutra do Galego e do PB (a ordem SV(O), na qual o sujeito antecede o verbo), a ordem VS se prestaria à função de veicular enunciados que correspondem à expressão dos pontos de vista, sentimentos e opiniões do falante, destacando-as das demais ideias básicas comumente veiculadas pela cláusula canônica/neutra.

Nas secções seguintes, vamos discorrer brevemente sobre esses pressupostos.

3. Subjetividade e subjetivação

De acordo com Lyons (1982), subjetividade refere-se a meios existentes nas línguas naturais que permitem a seus usuários a expressão de si mesmos, de suas atitudes e crenças.

Traugott (2010), trazendo para discussão a distinção entre semântica e pragmática, associa a subjetividade à subjetivação, ao entender a subjetivação como um processo diacrônico de semanticização da subjetividade. Para a autora, há uma distinção (embora não rígida) a ser feita entre o estado sincrônico (subjetividade) e o processo diacrônico (subjetivação). Nesses termos, a subjetivação envolve a reanálise de significados pragmáticos que surgem em contextos em que falante e ouvinte negociam significados que

expressam a atitude ou o ponto de vista do falante¹.

Nesse mesmo artigo, Traugott (2010, p.21) também destaca a relação entre subjetividade e ordem de palavras.

Um número crescente de estudos tem sugerido que [...] elementos linguísticos subjetivados são usados em posições cada vez mais periféricas. Normalmente, a mudança é para a esquerda nas línguas VO, e para a direita nas línguas OV. Em inglês, muitos marcadores discursivos estão associados com a periferia esquerda (algumas vezes com a direita), e seu uso nessa posição pode ser correlacionado com a subjetivação do seu significado (ver, por exemplo, Traugott e Dasher de 2002, sobre *indeed, in fact, actually*, Brinton a ser publicado em breve sobre *I mean*). Tem sido também sugerido que os adjetivos com significados subjetivados são encontrados na periferia esquerda do SN, a exemplo do que afirma [...], Breban (2006) sobre as correlações da ordem de palavras, subjetivação e gramaticalização no desenvolvimento de adjetivos como *different, distinct*. Da mesma forma, em japonês, muitos itens que são subjetivados ou intersubjetivados, vêm sendo usados na periferia da cláusula (ver, por exemplo, Onodera 2005, Onodera e Suzuki a ser publicado).

Como se pode observar, a relação entre ordem de palavras e subjetividade se verifica em diversas línguas, o que respalda nossa investigação. Também nos serve de respaldo estudo de Givón (1985) sobre ordem de palavras, conforme detalharemos a seguir.

4. Subjetividade e a ordem VS

Adotando a perspectiva teórica funcionalista, consideramos a gramática como um conjunto de regularidades decorrentes de pressões de usos linguísticos que, por sua vez, relaciona-se a um conjunto complexo de aspectos de natureza cognitiva e discursivo-pragmática.

Sob tal viés, consideramos ser a ordenação de constituintes o primeiro nível de fixação de padrões sistemáticos que, obedecendo a tendências regulares, levam ao estabelecimento de uma ordem básica/neutra. A cláusula canônica/neutra é aquela que conta quem fez o quê para quem, quando, onde, como ou porquê e para quê, comunicando a ideia básica

¹ Traugott (2010) postula relação análoga para intersubjetividade/intersubjetivação, sendo que, neste caso, os significados expressariam a atenção do falante para a auto-imagem do destinatário.

dos eventos/ações/estados e carregando a maior parte da informação nova no discurso. Contudo, mesmo sendo o mais simples domínio funcional na sintaxe, é bastante complexa, pois codifica os papéis semânticos dos vários participantes e ainda as diferenças entre estado (sem mudança), evento (mudança no tempo) e ação (mudança precipitada por um agente). Além do mais, a cláusula canônica/neutra costuma ser responsável pela atribuição de um papel pragmático relevante: o de tópico/sujeito (GIVÓN, 1985).

Os tipos de variação comumente processados sobre a cláusula canônica/neutra desempenham funções comunicativas importantes (como, por exemplo, a passiva, cuja motivação principal é a de encobrir o agente, que costuma ter sua identidade expressa na cláusula canônica/neutra).

Voltando-nos para o PB e para a VS, destacamos que Votre e Naro (1989), pesquisando a base discursiva da VS em narrativas no PB, observaram que a VS

Tende a ocorrer em contextos de fundo, fora de cadeias tópicas; e o S, nessas construções, não é o item de que se está falando. O S em VS, em decorrência disso, tende a não ser referido anteriormente no discurso. É tipicamente não agentivo e não individuado já que referentes com valor positivo destas características seriam normalmente foco de atenção (p. 177).

Votre e Naro concluem que a VS está a serviço de uma estratégia discursiva, que consiste em apresentar eventos e situações sem tópico, em plano de fundo, com baixa transitividade, e que, em geral, não são retomados na progressão discursiva.

Thompson e Hopper (2001, p. 53) assinalaram a correlação entre baixa transitividade e subjetividade na conversação, em virtude do fato de nossas conversas serem principalmente sobre “como as coisas são sob nossa perspectiva”, ou seja, serem reflexos da subjetividade em nosso uso diário da língua.

Considerando o exposto, postulamos que a VS se prestaria à função de veicular comentários, ou melhor, enunciados que correspondem à expressão dos pontos de vista, sentimentos e opiniões do falante.

5. VS em enunciados subjetivados no PB e no Galego

Neste trabalho, como já destacamos, apresentamos a primeira fase da análise, que consiste em mensurar, as ocorrências da VS veiculando subjetividade. Os dados aqui analisados foram extraídos da fala de 12 informantes da *Amostra Censo* (Projeto Censo da Variação Linguística no Rio de Janeiro, PEUL/UFRJ) e de 13 informantes do *corpus A Nosa Fala* (Arquivo Sonoro de Galícia, USC). Ambos os *corpora* são constituídos de narrativas orais referentes ao século XX.

Devido à discrepância no total de dados coletados no PB e no Galego (ocorrências de VS: 163, no PB e 30, no galego), submetemos os resultados encontrados ao teste estatístico do Qui Quadrado (χ^2).

A discrepância no total de dados explica-se em função da diferença, em termos de duração, das entrevistas que compõem um corpus e o outro. Enquanto que no *corpus* do galego, as entrevistas têm em média setecentas palavras, no corpus do PB, a média de palavras é de dez mil.

Postulamos a relação entre enunciados subjetivados e a ordem VS, quando observamos, nos dados analisados, que muitas das ocorrências da VS acontecem em momentos em que o informante fala de si mesmo, de seus sentimentos, ou tece comentários sobre alguém ou sobre algum acontecimento, como no exemplo seguinte:

- (1) (...) eu acho que vale a pena. Mas não... acho que não vai dar porque acho aquilo muito pequeno para tanta gente. Tem lugares que já esgotou. Esgotou, (hes) *já esgotaram os ingressos* e não vou. É assim, às vezes tenho vontade de fazer as coisas e acabo não fazendo. (FAL 30)

A seguir, outro exemplo, em que o informante fala de uma terceira pessoa, mas que, apesar de não falar de si, é evidente o caráter subjetivo da porção do discurso em que a VS ocorre:

- (2) Eu sei que mais cedo ou mais tarde [essa]- essa vida assim tão ingênua- não sei se pode se dizer ingênua, porque eles não são ingênuas. Essa vida natural, essa confiança, (est) a tendência, terminar. *Vai chegando as pessoas da cidade*, vão trazendo vício. (FAL 43)

No galego, também encontramos casos semelhantes:

- (3) Eu salín de alí, meus hòmes, fomiando. Salín fomiando por arriba polo camiño arriba astra chegar á casa. Aquèla noite non dormín. Foi unha couça que, ¡Diòs nos libre que hoxe çentiran tanto as cousas como *sintíamos nós daquèla!* Hoxe non hai verghonça... (FAL1)
- (4) Existen aquí nel puèblo unhas agrupaciòis, que tan encaminadas a ser a pauta pra irse mellorando. Hòi, hai unha de cuatro vecíus, que pòde poñer camín de cèn vacas, *si lles axudan, el Estado, Ordenación Rural i Estènsión Agraria*; i esos elementos, el Estado con crêditos, Ordenación Rural reparándolle os camíus i, Estènsión Agraria, con servicios ténicos... Teño que reconocer que eghtos servicios, i eght(os) que vaian facèndo estas agrupaciòis, melloran un pouco... (FAL 18)

Nos exemplos apresentados, pode-se observar marcas estruturais, como a presença da primeira pessoa do singular, de verbos como *saber*, *reconhecer*, *sentir* e *achar* (este empregado como verbo de cognição) que confirmam tratar-se de porções do discurso que correspondem à expressão dos pontos de vista, sentimentos e opiniões do falante. Tais exemplos ilustram as ocorrências de VS que categorizamos e contabilizamos como VS veiculando enunciados subjetivados (+ sub).

Os exemplos (5) e (6) ilustram ocorrências de VS em enunciados em que a subjetividade não é proeminente. Assim sendo, tais ocorrências foram categorizadas e contabilizadas como não-subjetivas (-sub):

- (5) (...) nada floresce, (hes) a não ser, claro, evidente, se você deixar a planta selvagem, não? (est) Agora, se você vai cultivar uma planta, você tem que podar, [você tem que regar], você tem que tratar, tirar as folhas secas, para que *nasçam novas*- (est) então a planta cuidada, diferente, não? E elas são plantinhas cuidadas. (FAL 43)

- (6) È antes tamên había moitos lingueiróns, que lingueiróns, alkhúns inda hai, prinsipalmente en ese sètor da Toxa, en eses lombos que hai aí contra o Khròve. È iban as mullères, embarcadas, a eles. (FAL 4)

As ocorrências de VS em enunciados subjetivados correspondem à fatia significativa do total de ocorrências da VS no PB, conforme exhibe a Tabela 1 apresentada a seguir.

TABELA 1: VS veiculando subjetividade no PB

VS	PB		
	N	%	Prob
- Sub	99	61	0,6
+ Sub	64	39	0,4
	163	100	

A significância acima referida foi constatada através do teste estatístico do Qui Quadrado² em que o valor de χ^2 foi igual a 7,5; maior, portanto, do que o valor crítico de 3,84.

No que diz respeito ao galego, embora os números exibidos na Tabela 2 aparentemente confirmem os resultados obtidos no PB, a hipótese de a VS ocorrer em enunciados subjetivados não foi comprovada estatisticamente ($\chi^2 = 3,3 < 3,84$).

TABELA 2: VS veiculando subjetividade no Galego

VS	GALEGO		
	N	%	Prob
Não sub	20	67	0,6
Sub	10	33	0,4
	30	100	

² Grau de Liberdade (GL) igual a 1.

Considerando tais resultados e a origem comum do galego e do português, investigaremos o mesmo fenômeno em sincronias anteriores no galego, no português europeu (PE) e no PB, buscando esclarecer se o emprego da VS em enunciados subjetivados é uma característica do português (PE e PB em oposição ao galego); se é apenas do PB (PB em oposição ao PE e ao galego); e ainda se, historicamente, já foi uma característica também do galego.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, analisando as ocorrências da VS na fala de 12 informantes da *Amostra Censo* (Projeto Censo da Variação Linguística no Rio de Janeiro, PEUL/UFRJ) e de 13 informantes do *corpus A Nosa Fala* (Arquivo Sonoro de Galícia, USC), constatamos que a VS, no PB, tende a ocorrer em porções do discurso em que o informante fala de si mesmo, de seus sentimentos, ou tece comentários sobre alguém ou sobre algum acontecimento.

Entretanto, no que diz respeito ao galego, pelo menos o contemporâneo, a hipótese de a VS ocorrer em enunciados subjetivados não foi comprovada estatisticamente.

Considerando a origem comum do galego e do português, nosso próximo passo será o de investigar o mesmo fenômeno em sincronias anteriores no galego, no PE e no PB, esperando obter respostas para as questões que continuam em aberto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. O português não procede do latim: uma proposta de classificação das línguas derivadas do galego. Disponível em http://www.editorialgalaxia.es/imxd/libros/doc/1320761642191_Marcos_Bagno.pdf. Data de acesso: 20/03/2012.

GIVÓN, T. Function, Structure, and Language Acquisition. In: D.I. SLOBIN (ed.) *The crosslinguistic study of language acquisition*, v. 2: Theoretical issues. New Jersey, Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1985.

LYONS, J. Deixis and subjectivity: Loquor, ergo sum? In : JARVELLA, R. J.; KLEIN, W. (eds.), *Speech, Place, and Action: Studies in Deixis and Related Topics*, New York: Wiley, 1982. p.101-124.

VOTRE, S; NARO, A.J. Mecanismos funcionais do uso da língua. *DELTA*, São Paulo v.5, n.2, p. 169-84, 1989.

_____. S. *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 1992.

THOMPSON, S. A.; Hopper, P. Transitivity, clause structure, and argument structure: Evidence from conversation. In: Bybee, J. L.; Hopper, P. (Ed.) *Frequency and the Emergence of Linguistic Structure*. Amsterdam/ Philadelphia: Benjamins, 2001. p. 27-60. (Typological Studies in Language 45).

TRAUGOTT, E. C. *Revisiting subjectification and intersubjectification*. In: CUYCKENS, H.; DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L. (Ed.). *Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 2010. (Topics in English Linguistics).